

# Tecnologias e democracias

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras

A revista *The Economist* (13/11/2023) acaba de publicar um grave alerta ao informar que mais de 50% dos povos do mundo terão eleições nacionais em 2024 e, apesar disso, as democracias se fragilizam a cada dia. De fato, os estudos recentes indicam uma redução das democracias plenas e um aumento dos governos autoritários nos últimos 20 anos. A deterioração das democracias ocorre nas mãos de governantes eleitos livremente, e não por força de golpes militares.

Vários fatores estão por trás dessa crise — globalização, recessões, imigração e tecnologias. O que as tecnologias têm a ver com as democracias? As primeiras tecnologias entraram no mundo do trabalho substituindo os seres humanos que faziam atividades manuais, repetitivas e rotineiras. Mas, as tecnologias recentes substituíram os seres humanos em atividades intelectuais e que exigiam tomada de decisões. Elas são capazes de pensar e corrigir os próprios erros e até mesmo criar textos inéditos.

Essas tecnologias têm sido responsáveis pelo deslocamento das pessoas na estrutura ocupacional: a maioria desce na escala social. É o que

ocorre, por exemplo, com a entrada de sistemas que realizam todas as tarefas de um grande almoxarifado. O gerente dessa área, profissional de classe média, é repentinamente substituído por um dispositivo incrustado nos caixas das grandes lojas que, ao registrar uma venda, faz a compra para a reposição do estoque.

Nesse deslocamento, alguns profissionais conseguem se repaginar e entram em ocupações mais sofisticadas e até sobem na escala social. Mas a grande maioria é obrigada a aceitar ocupações de prestígio e renda muito inferiores. Afinal, quem nunca tomou um Uber dirigido por um administrador de empresas?

Isso significa que uma grande massa de trabalhadores de classe média está descendo na estrutura social, passando para classe baixa. Esse processo é frustrante, desanimador, decepcionante. Ninguém gosta de descer na estrutura social e ali ficar sem esperança de subir novamente. É o achatamento da classe média.

As pessoas que perdem prestígio e renda sentem-se injustiçadas e se tornam uma presa fácil de políticos populistas que exploram e acentuam a sua tristeza e conquistam

o seu voto. O populismo é um veneno para as democracias. Durante as campanhas eleitorais, os populistas prometem o que não podem entregar. No poder, e com recursos limitados, eles partem para o assistencialismo que, por sua vez, corrói as finanças públicas, provoca crises econômicas e pavimentam o caminho para outros populistas.

Esse é o impacto das tecnologias inteligentes na fragilização da classe média e fortalecimento do populismo. No caso do Brasil, uma pesquisa da IPSOS, realizada em 2019, mostrou que 75% dos brasileiros se sentiam injustiçados e achavam necessário ter um líder forte para tocar o país. Em 2021, essa proporção subiu para 80%.

Isso explica em grande parte a ascensão de muitos governantes populistas tais como Evo Morales, Cristina Kirchner, Andrés Obrador, Vladimir Putin, Recep Erdogan, Victor Orban, Marine Le Pen, Boris Johnson (Brexit), Donald Trump, Chaves e Maduro, Bolsonaro, Lula e Milei. Nas campanhas, eles destacaram o aumento das desigualdades e exploraram no limite o sentimento de injustiça dos seus eleitores.

## Os jovens ainda precisam de universidade?

» WAGNER SALLES

Professor de gestão de recursos humanos na Universidade Veiga de Almeida (UVA) e coordenador da Comissão Especial de RH do Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro (CRA-RJ)

De acordo com o Censo do Ensino Superior de 2022, divulgado recentemente pelo Ministério da Educação, 43,4% dos jovens entre 18 e 24 anos concluíram o Ensino Médio, mas não frequentam o Ensino Superior. Em relação à evolução do número de participantes no Enem, principal porta de entrada para o ingresso em universidades públicas (via SisU) e particulares (Fies, Prouni ou bolsas de ensino), em 2022, foram 2.394 milhões de alunos, o que representa apenas 39% do pico de 2016, ano que registrou 6,1 milhões de participantes. O número de 2022 se assemelha ao patamar de 2009, quando 2,4 milhões de pessoas realizaram as quatro provas do exame.

Quanto à empregabilidade, com base no relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no segundo trimestre de 2023, a parcela dos jovens de 18 a 24 anos representa o segundo maior percentual de desocupação, com 29,5%. Esse cenário nos indica que menos jovens estão fazendo a prova do Enem, já que também estão se desinteressando pelo ingresso no Ensino Superior. Isso pode resultar na dificuldade de ingressar no mercado de trabalho formal.

Mas por que essa faixa etária não tem valorizado a continuação da educação formal para a conquista de um espaço profissional? Uma das possíveis respostas vem da "facilidade" em obter renda pelas redes sociais. Fontes de consultorias especializadas em mídias sociais e marketing digital indicam que a monetização em uma rede como o TikTok, por exemplo, chega a uma média de US\$0,15 a cada mil visualizações. Isso significa que se um jovem que se dedica à carreira de influencer tiver um único conteúdo com 1 milhão de visualizações, receberá como monetização algo em torno de US\$ 150 em uma única postagem viralizada.

Em relação à atividade de streamer, como o nicho de jogos de Role Play, por exemplo, a estimativa do mercado é de que um de pequeno porte chegue a ganhar de R\$ 1 mil a R\$ 2 mil no mês com anunciantes, doações e alcance de metas das plataformas.

Ou seja, a questão que emerge na mente de muitos jovens atualmente é: para que passar entre dois e cinco anos em uma universidade e lutar por uma vaga de trabalho, se eu posso ganhar dinheiro em casa pela internet? E, consequentemente, a questão que desafia a mente dos educadores e gestores de instituições educacionais é como contra-argumentar essa pergunta. Os jovens, portanto, ainda precisam de uma universidade para construir uma carreira profissional?

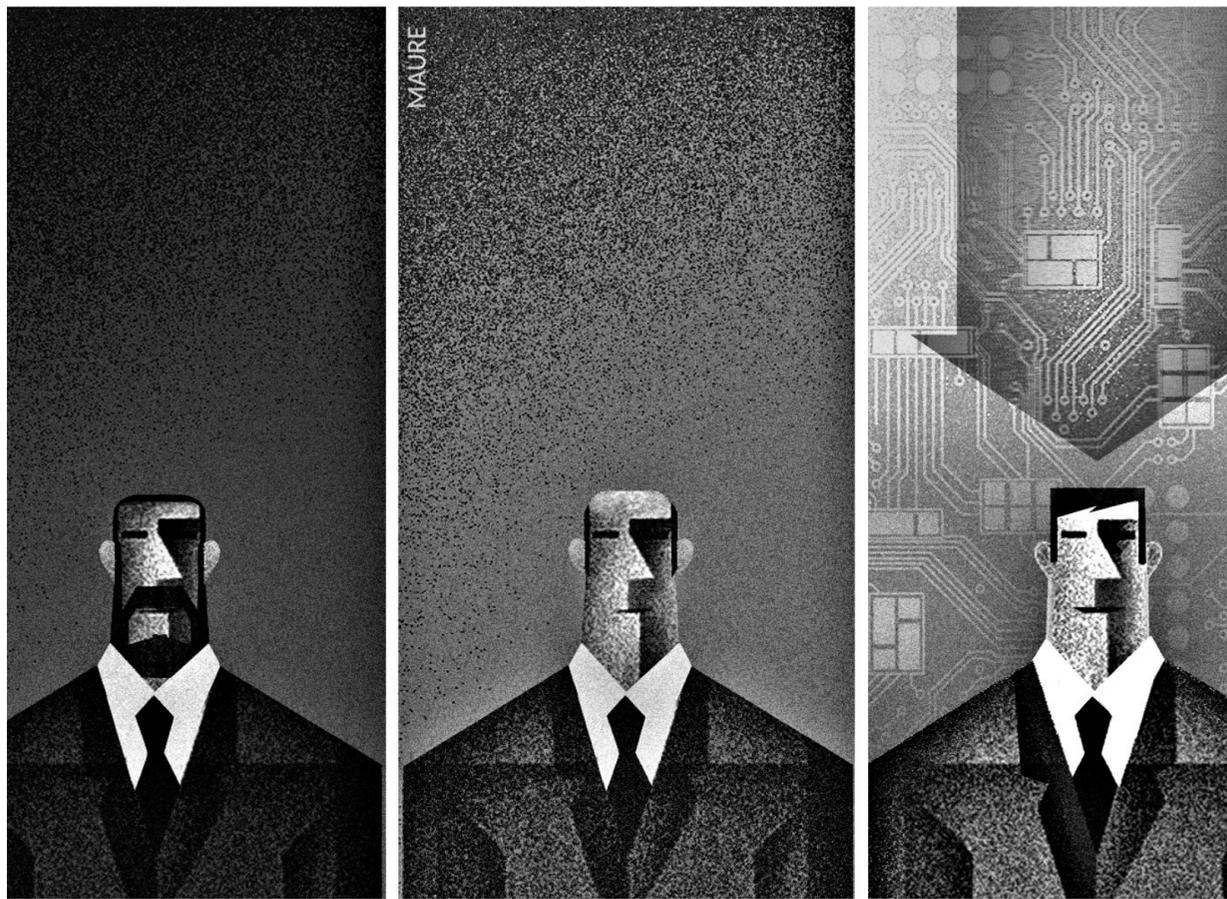
Há uma diferença fundamental que precisa ser considerada quando associamos formação profissional, renda e carreira: a questão temporal. Formação profissional e renda podem ser conquistadas a curto prazo. Carreira, não. A carreira depende de outras experiências que a formação profissional isolada não proporciona, tão pouco uma oportunidade pontual de renda. E o ambiente universitário é o cenário ideal para vivenciar as experiências necessárias para a construção dessa jornada.

Em geral, jovens que se lançam em oportunidades da moda em busca de renda deixam de lado o critério da carreira, tanto pelo lado da trajetória como pelo lado da sustentabilidade profissional. O foco distorcido no dinheiro rápido não considera o que se fazer quando essa oportunidade entrar em declínio. Como consequência, este público se torna refém do mercado, em vez de aproveitar o mercado a seu favor.

A universidade vai além de um ambiente para além da formação profissional: tornou-se um catalisador de experiências. Nela, o aluno aprende as competências técnicas de que necessita para um determinado campo profissional por meio da grade curricular do seu curso, mas também tem o seu perfil pessoal forjado pelas demais experiências para encarar adversidades que o mercado gera.

Ao cursar uma graduação, o jovem amplia a sua visão de mercado, o que o torna capaz de migrar de uma atividade para a outra em caso de declínio de determinadas oportunidades a médio e longo prazos. Além disso, por meio de projetos de extensão universitária, pode correlacionar o seu conhecimento profissional com uma determinada demanda social, possibilitando o desenvolvimento de uma visão estratégica, compreendendo quais públicos podem ser atingidos de forma direta e indireta, econômica e socialmente. É a base de uma preparação empreendedora, que não é possível de ser conquistada de maneira consistente apenas por meio de certificações rápidas ou de tendências de mercado.

Por isso, os jovens que se lançam em oportunidades rápidas para ganhar dinheiro podem até lucrar no curto prazo, mas sofrerão mais no longo prazo para manter esse padrão de renda. Já os jovens que investem na formação universitária podem até inverter a curva, ganhando menos no início, mas terão maiores possibilidades reais de uma renda maior a longo prazo. Além de levarem consigo toda a visão estratégica para se movimentarem de acordo com a dinâmica do mercado, aproveitando a seu favor as oportunidades geradas e mantendo, por mais tempo, a estabilidade profissional tão desejada.



## Gaza: não atirem nos órfãos

» PATRICK HOWLETT-MARTIN

Diplomata, ex-conselheiro da Embaixada da França em Brasília

"Por que as crianças também precisam sofrer? Dirá alguém que elas carregam em sua carne os pecados de seus pais e, portanto, são cúmplices? Um cínico poderia sugerir que a criança crescerá e pecará em tempo devido. Mas esse menino de 8 anos não teve a chance de crescer; ele foi despedaçado por cães. Nenhuma harmonia futura resgatará uma única lágrima da criança mártir. Se as lágrimas das crianças são necessárias para aperfeiçoar a soma de dor que serve como resgate pela Verdade, afirmo categoricamente que ela não merece pagar um preço tão alto." — Dostoiévski, *Os Irmãos Karamazov*.

Durante as quatro intervenções militares israelenses na Faixa de Gaza (2009, 2012, 2014, 2021), cerca de 7.759 palestinos foram mortos, incluindo 1.741 crianças e 571 mulheres, de acordo com os números fornecidos pela organização humanitária israelense B'Tselem. Em resposta ao assassinato de 1.400 israelenses, a maioria dos quais eram civis, incluindo 31 crianças, e ao sequestro de mais de 200 reféns, incluindo 30 crianças, por elementos armados do Hamas de Gaza, os ataques aéreos israelenses em um mês mataram mais crianças em Gaza do que nos últimos 23 anos: 5.500 crianças palestinas foram mortas e centenas estão desaparecidas, enterradas sob os escombros de edifícios bombardeados, de acordo com fontes das Nações Unidas. Os nomes das vítimas são registrados pelo Hamas e podem ser verificados por Israel, que controla os serviços civis na Faixa de Gaza desde 1967.

"O assassinato e a mutilação de crianças, o sequestro de crianças, os ataques a hospitais

e escolas, bem como a recusa de acesso humanitário, constituem graves violações dos direitos das crianças. A situação na Faixa de Gaza está se tornando cada vez mais preocupante para a nossa consciência coletiva. As taxas de mortalidade e ferimentos infantis são simplesmente alarmantes", afirma Adele Khodr, diretora regional do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) para o Oriente Médio e Norte da África. Gaza tornou-se um "cemitério de crianças", denunciado em 6 de novembro pelo secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres.

Por que as crianças palestinas devem ser responsabilizadas pelos assassinatos cometidos pelo braço armado do Hamas, que Israel cita para justificar a destruição de Gaza? Por que essas crianças são mortas, feridas e tratadas com tanta crueldade? A morte de crianças pequenas como vítimas dos ataques israelenses em Gaza contribuiu para a segurança do Estado de Israel no passado?

Otto Olendorf, um dos líderes dos Einsatzgruppen, admitiu durante os julgamentos de Nuremberg que executou 90 mil pessoas em poucos meses, principalmente judeus, na Ucrânia, sem nenhuma necessidade militar, e sem poupar as crianças. Para justificar a execução das crianças, Olendorf afirmou: "Acredito que seja muito simples de explicar se partirmos do princípio de que essa ordem visava não apenas garantir a segurança temporária, mas a segurança permanente, e que, por esse motivo, essas crianças cresceriam e, tendo seus pais sido mortos, representariam, indiscutivelmente, uma ameaça tão grande quanto seus pais representavam".

O presidente Isaac Herzog declarou em 9 de outubro: "O Hamas construiu uma máquina infernal em nossa porta. Toda a população de Gaza é responsável. Não é verdade dizer que os civis não estão envolvidos. Isso simplesmente não é verdade. Eles poderiam ter se levantado contra esse regime malévolo". As crianças, cúmplices?

Em uma população de 2,3 milhões de habitantes, a Faixa de Gaza possui um milhão de crianças e adolescentes. Quantos órfãos serão necessários para reconhecermos que a intervenção militar israelense é um ato de genocídio? Temos que inscrever na entrada da Faixa de Gaza amanhã: "Não atirem nos órfãos", como indicava a placa pintada colocada no orfanato de Long Binh, no Vietnã, pelo exército americano, à qual o poeta e veterano Doug Rawlings dedicou um poema amargo (*Please, Don't Shoot the Orphans*).

Segundo um relatório da organização internacional de defesa dos direitos da criança Save The Children, publicado em junho de 2022, sob o título *Enredados (Trapped)*, quatro em cada cinco crianças em Gaza sofriam de depressão e ansiedade. Como os jovens testemunhas desses massacres que atingem suas famílias e vizinhos se comportarão no futuro? As crianças sobreviventes de Gaza se resignarão? Ou um novo monstro não emergirá das lágrimas, das cinzas e das ruínas de Gaza? O mesmo monstro mencionado por Friedrich Nietzsche em sua obra *Além do bem e do mal*: "Aquele que luta contra monstros deve tomar cuidado para não se tornar um monstro. E quando você olha por muito tempo para um abismo, o abismo também olha para dentro de você".